

A Representatividade LGBT no contexto do seriado *The Fosters*¹

Clara BARBI²

Astréia SOARES³

Universidade FUMEC, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Este artigo discute a representatividade LGBT no contexto da série norte-americana *The Fosters*, com o objetivo de pensar as narrativas televisivas e o papel da mídia nas sociedades modernas. A representatividade LGBT na mídia é um elemento importante e que está em diálogo com o reconhecimento da diversidade de gênero pela sociedade. A pesquisa se justificou pela importância das interações mediadas na vida cotidiana das sociedades contemporâneas, o que nos leva a pensar sobre a abrangência de circulação que uma série que trata do tema LGBT pode vir a ter, o que torna pertinente a reflexão sobre este e outros tipos de produtos midiáticos. A análise foi feita com base em teorias sobre identidade na pós-modernidade e seus reflexos na mídia como meio de visibilidade global.

PALAVRAS-CHAVE: LGBT; mídia; *The Fosters*; visibilidade LGBT.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema representações de grupos LGBT⁴ na mídia. O produto midiático escolhido como objeto, a série televisiva norte americana *The Fosters*, foi desenvolvida por Jennifer Lopez e criada por Peter Paige e Bradley Bredeweg (EUA, 2013). O projeto foi apresentado à emissora Freeform (antiga ABC Family) em 2012 e a série foi lançada em junho de 2013, transmitida originalmente às segundas-feiras, às 21h. *The Fosters* foi vencedora de três prêmios, entre eles dois prêmios do Glaad Media Awards, organizado pela ONG *Gay & Lesbian Alliance Against Defamation* (GLAAD), em 2014.

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da FCH-FUMEC, e-mail: clarabcaniato@gmail.com

³ Professora Orientadora do Trabalho. (FCH-FUMEC), e-mail: astreia@fumec.br

⁴ O debate da sigla é profícuo e intenso e por não ser o objetivo do presente trabalho entrar no assunto, optei pela sigla LGBT entre as existentes: LGBT, LGBTI e LGBTQ, etc.

The Fosters retrata o cotidiano de uma família homoafetiva e multirracial, na qual a mãe Lena (Sherri Saum) é negra e vice-diretora de uma escola pública e a companheira, Stefanie (Teri Polo) é uma policial. Stefanie ou Stef tem um filho biológico, Brandon (David Lambert), fruto do seu primeiro casamento com seu colega de trabalho, Mike (Danny Nucci). Juntas, Lena e Stef adotaram os gêmeos Mariana (Cierra Ramirez) e Jesus (Jake T. Austin). A história começa quando Lena conhece Callie (Maia Mitchell), uma jovem problemática que faz parte do sistema de adoção americano e foi separada do seu irmão mais novo, Jude (Hayden Byerly), que vive em um lar adotivo sofrendo maus tratos.

A escolha desta série como objeto empírico da pesquisa se deu por ter se mostrado uma referência interessante para se avançar sobre a questão das representações midiáticas de grupos LGBT, sobre a importância que é dada à esta temática nos roteiros dos episódios e o modo como os conflitos das personagens são construídos. Pode-se dizer que um dos focos da série seria retratar a diversidade cultural da família, que possui as características da formação de identidade da pós-modernidade, apresentado por Stuart Hall (2001), ou seja, a construção de uma nova identidade racial, sexual e familiar. A escolha da série foi baseada também pelo protagonismo das personagens lésbicas, uma vez que o casal principal é homoafetivo e da narrativa tratar com bastante cautela a questão da identidade de gênero e orientação sexual.

Para responder as questões levantadas, este artigo foi estruturado em duas partes. Na primeira foi feita uma breve revisão bibliográfica sobre o papel da mídia nas sociedades modernas, enfocando o lugar ocupado pela televisão como um veículo que tem potencialidades de formar opinião, fazer circular valores sociais, padrões estéticos etc. Neste contexto, abordou-se também as séries como um produto midiático de alta repercussão junto à audiência, o que faz da estrutura, linguagem e conteúdo veiculados por este produto um importante objeto de reflexão dos profissionais de comunicação. Na parte seguinte, também com base em estudos teóricos, buscou-se discutir a constituição de identidades nas sociedades contemporâneas, em geral analisadas como múltiplas, fluidas e efêmeras. O foco principal desta discussão foi a identidade de gênero, tal como se apresenta como um tema complexo, cuja análise teórica aponta para uma perspectiva interdisciplinar. Neste caso, os estudos da comunicação têm muito a ganhar quando cotejados com outros enfoques tais como sociológico, psicológico, antropológico e dos estudos culturais.

MIDIATIZAÇÃO DAS INTERAÇÕES SOCIAIS

Neste primeiro momento meu objetivo é fazer uma revisão de referências bibliográficas sobre a televisão, levantando questões sobre a relação comunicação e sociedade, sobretudo perguntando pelo lugar que a TV ocupa na vida dos indivíduos contemporâneos. Esta reflexão se torna importante no contexto deste artigo por nos apontar a TV como um meio, dentre outras coisas, formador de opinião e capaz de contribuir para a construção de universos simbólicos que podem vir a ser socialmente compartilhados. De uma forma geral, vamos encontrar um consenso no que se refere à televisão como um veículo ainda muito relevante como meio de acesso à informação, assim como à programação cultural e ao entretenimento, apesar do surgimento de novas mídias igualmente muito acessadas por diferentes públicos.

Berger e Luckmann (2001) apontam a realidade como sendo uma construção social, ou seja, não é algo que nos é dado prioristicamente, mas sim o resultado de um processo contínuo de construção social. Podemos supor que a mídia tem um papel importante na construção social da realidade em circulação no mundo da vida cotidiana por ser referência de informação e conhecimento para grande parte das pessoas, ou seja, as pessoas devem legitimar e validar a realidade construída e podem se valer, para tal, de um processo de legitimação daquilo que a mídia apresenta como sendo não meramente simbólico, mas como sendo “real”.

A legitimação de uma dada realidade da vida cotidiana, seguindo o pensamento dos autores, corresponde à integração e solidificação de significados de origens diferentes. Ao legitimarmos um costume ou um comportamento social, por exemplo, acabamos por explicar uma ordem institucional e de dar validade a seus significados que são compartilhados socialmente. A discussão sobre a realidade da vida cotidiana como uma construção social tem muito a revelar sobre os impactos de uma narrativa televisiva sobre esta construção. Por meio de um produto televisivo, como é o caso de uma série, podemos ser levados a legitimar como “realidade” padrões estéticos e conteúdos simbólicos e valorativos tais como aqueles relativos à raça, classe e gênero, temas importantes no debate social contemporâneo.

Thompson (2001) aborda a mídia como um fenômeno fundamentalmente cultural no qual se encerra tanto um caráter simbólico do que está sendo informado, quanto a sua

contextualização social. O autor diz que: “os meios de comunicação têm uma dimensão simbólica irreduzível: eles se relacionam com a produção, o armazenamento e a circulação de materiais que são significativos para os indivíduos que os produzem e os recebem” (2001, p.19). De acordo com o autor, é fácil perder de vista esta dimensão e se preocupar apenas com os aspectos técnicos, que também são importantes, mas que não deveriam ocultar que o desenvolvimento dos meios de comunicação é “uma reelaboração do caráter simbólico da vida social, uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social e uma reestruturação dos meios pelos quais os indivíduos se relacionam entre si” (2001, p. 19).

Dispondo disso, temos o que o autor descreve como o “caráter mundano da atividade receptiva” (2001, p. 41), que é o fato de que a recepção dos produtos da mídia se tornou uma rotina, uma atividade prática que já está incorporada no dia a dia dos receptores e já fazem parte de sua vida. Deste ponto de vista, o autor afirma que “o sentido que os indivíduos dão aos produtos da mídia varia de acordo com a formação e as condições sociais de cada um, de tal maneira que a mesma mensagem pode ser entendida de várias maneiras em diferentes contextos” (2001, p. 42), fazendo com que os receptores utilizem os conteúdos de maneiras totalmente alheias às intenções ou aos objetivos dos produtores.

Em consequência disso, como afirma Thompson (2001, p. 42), a recepção é uma atividade situada, na qual:

Os produtos da mídia são recebidos por indivíduos que estão sempre situados em específicos contextos sócio-históricos. Estes contextos se caracterizam por relações de poder relativamente estáveis e por um acesso diferenciado aos diversos recursos acumulados. A atividade de recepção se realiza dentro de contextos estruturados que dependem do poder e dos recursos disponíveis aos receptores em potencial.

Isso denota que muitos dos pressupostos e expectativas dos receptores trazem uma estrutura particular de apoio à mensagem, em que as maneiras de compreender os produtos de mídia variam de acordo com o contexto sócio-histórico de cada indivíduo. Portanto, “o significado que uma mensagem tem para um indivíduo dependerá em certa medida da estrutura que ele ou ela traz para o sustentar” (THOMPSON, 2001, p. 42-43).

Desse modo, ao interpretar a mensagem, o indivíduo incorpora-a na sua realidade e a utiliza como reflexão. Thompson utiliza o termo “apropriação” (2001, p. 45) para se referir ao processo de conhecimento e autoconhecimento em que o indivíduo se apodera de uma mensagem e do conteúdo significativo e torna-o próprio.

É assimilar a mensagem e incorporá-la à própria vida – um processo que algumas vezes acontece sem muito esforço, e outras vezes requer deliberar aplicação. É adaptar a mensagem à nossa própria vida e aos contextos e circunstâncias em que a vivemos; contextos e circunstâncias que normalmente são bem diferentes daqueles em que a mensagem foi produzida (THOMPSON, 2001, p. 41).

As mensagens recebidas pela mídia se tornam assunto de debate e são compartilhadas com um círculo maior de indivíduos, sendo assim, retransmitidas para outros contextos de recepção e transformadas por meio de um processo contínuo de repetição e reinterpretação. Nesse movimento “os indivíduos são envolvidos num processo de formação pessoal e autocompreensão – embora em formas nem sempre explícitas e reconhecidas como tais” (2001, p. 45). Logo, essa atividade resulta em uma compreensão de si mesmo e de uma localização no tempo e no espaço, estando em constante mudança causada por meio de mensagens e de conteúdos significativos oferecidos pelos produtos da mídia.

Dentro desse contexto, é possível perceber a importância de uma representatividade LGBT que aconteça de maneira coerente, retratando a realidade de maneira clara, deixando de lado os estereótipos criados pelo contexto heteronormativo existente na sociedade, trazendo para o coletivo o sentimento de pertencimento e colaborando para a formação da identidade de indivíduos.

Para Machado (2000), a televisão pode ser considerada um dispositivo audiovisual no qual a sociedade pode exprimir seus anseios e dúvidas, suas descobertas, suas inquietações etc., sendo capaz de trazer assuntos do cotidiano de indivíduos e criar um debate de extrema importância para a vida em sociedade. Um desses assuntos é a temática de gênero. O debate surgindo da televisão atinge um número maior de pessoas e faz com que se torne um assunto de discussão no cotidiano, conforme Thompson (2000) afirmava.

O filósofo norte-americano Kellner (2001) acrescenta que nos últimos anos os estudos culturais conseguiram dar mais atenção às teorias multiculturalistas nas quais se encontram críticas específicas à opressão já que

suas perspectivas teóricas se enraízam nas lutas dos oprimidos, politizando, portanto, a teoria e a crítica com a paixão e as perspectivas que nascem das lutas políticas travadas e das experiências pessoais. Tais perspectivas ampliam o campo dos estudos culturais e da luta política, expandindo, por exemplo, o conceito de crítica à ideologia com a inclusão de dimensões de raça, sexo, sexualidade, etnia e outras (KELLNER, 2001, p. 75-76).

Para o autor, é importante mobilizar essas teorias para expressar “toda a gama de representações de identidade, dominação e resistência que estruturam o terreno da cultura da mídia” (KELLNER, 2001, p. 76) a fim de ler a cultura da mídia politicamente, tanto

no contexto sociopolítico e econômico quanto na defesa dos interesses de grupos dominantes, para conseguir situá-la em toda história e analisar como seus discursos, imagens e elementos produzem efeitos políticos. “Ler politicamente a cultura também significa ver como as produções culturais da mídia reproduzem as lutas sociais existentes em suas imagens, seus espetáculos e sua narrativa” (KELLNER, 2001, p. 76).

A importância dessa reprodução já foi reconhecida pelo campo dos estudos culturais, no qual “examinam os efeitos dos textos da cultura da mídia, os modos como o público se apropria dela e a usa, além dos modos como imagem, figuras e discursos da mídia funcionam dentro da cultura em geral” (KELLNER, 2001, p. 77), já que os produtos da mídia não são mais “entretenimento inocente [...] têm cunho perfeitamente ideológico e vinculam-se à retórica, lutas, a programas e a ações políticas” (KELLNER, 2001, p. 123).

Portanto, o que nos resta é compreender de acordo com Esquenazi (2010) é que na série “um mundo é apresentado, no interior do qual os públicos encontram uma representação dos seus próprios interesses, preocupações e interrogações: este modo de apresentação é aquele através do qual a realidade é representada pela ficção” (2010, p. 160).

Isso reforça a importância dos discursos apresentados nas séries televisivas e levando em consideração o tema central desse trabalho – representações de grupos LGBT na mídia – é necessária uma breve análise a respeito das identidades LGBT e as formas de representação neste ambiente, trazendo para debate as consequências da globalização e as características do sujeito na pós-modernidade.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE LGBT

Proponho nesta segunda parte uma revisão literária sobre os processos de construção da identidade na pós-modernidade, com recorte no tema principal deste artigo – a representatividade LGBT.

Sobre o conceito de identidade na pós-modernidade⁵, Hall (2001) observa que, no final do Século XX, um diferente tipo de transformação na mudança estrutural começou a acontecer e que “isso está fragmentando as paisagens culturais de classe,

⁵ Não entrarei no debate sobre as nomenclaturas e teorias sobre o sujeito moderno/pós-moderno, já que é uma discussão longa e esse não é o objetivo desta monografia.

gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (2001, p.9). Para o autor, essas transformações estão mudando nossas identidades individuais, inquietando a ideia enraizada de que temos de nós como sujeito,

Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo (2001, p.9).

Como consequência das mudanças estruturais nas sociedades contemporâneas, o sujeito, que era entendido tendo primeiramente uma identidade centrada na razão iluministas e a seguir uma identidade unificada, imutável e estável, passa ser “provocado” por diferentes processos geradores de identidade que são instáveis e plurais. Estes processos, segundo Hall (2001), levam à construção de identidades cada vez mais fragmentadas, mutáveis, fluidas e composto por vários e diversos elementos. Esse novo processo, de acordo com Stuart Hall (2001), produz o sujeito pós-moderno “conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente.” (2001, p. 12), ela passa a ser “definida historicamente, e não biologicamente” (2001, p.13). Nessa concepção as identidades,

são na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem ser cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2000, p. 108).

De acordo com o autor, estamos expostos à uma multiplicação das representações culturais, muitas vezes provocada, por exemplo, pela globalização cultural que apresenta aos indivíduos contemporâneos uma diversidade de respostas culturais às inquietações de nossa época. Com isto, a identidade torna-se, segundo Hall, uma “celebração móvel” porque os sistemas culturais que nos rodeiam levam-nos a participar de um processo continuado de transformações. Para Hall (2001, p.13)

a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Contudo, é razoável que muitas vezes continuamos a sentir que temos uma identidade unificado, a qual portamos desde sempre, “desde o nascimento até a morte”. Isto se dá, de acordo com Hall (2001), porque construímos uma narrativa sobre nós mesmos que tende a ser uma história cômoda e confortadora.

Essas constantes mudanças fazem parte do perfil da sociedade moderna que, por definição, são “sociedades de mudança constante, rápida e permanente” (2001, p.14) Giddens (*apud* HALL, 2001, p. 15) cita sobre o ritmo e o alcance das mudanças “à medida em que áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda superfície da terra” (GIDDENS *apud* HALL, 2001, p. 89).

A sociedade moderna é caracterizada pelas diferenças o que justifica serem marcadas também por uma variedade de identidades que um sujeito possa ter. Como consequência disso, as sociedades do Século XXI são diversas culturalmente, com a população da maioria dos países sendo formada pela mistura de indivíduos de diferentes raças, línguas, tradições, orientações sexuais, crenças religiosas, identidades de gênero etc.

A diversidade cultural não é, contudo, um acontecimento exclusivo do Século XXI. Ao longo da história, conforme observa Felipe Arocena (2012), registra-se casos como o da Grécia antiga, onde coexistiram diferentes tradições, dialetos e costumes e, portanto, diferentes identidades, bem como o Estado Turco (1299 a 1922) composto por maioria mulçumana, mas também com a presença de cristãos, judeus e outros grupos religiosos. A marca distinta do Século XXI seria a intensidade com que presenciamos pela primeira vez a mistura de diferentes tradições, línguas, etnias em um mesmo espaço. Este novo tipo de coexistência convencionou-se chamar de multiculturalismo (AROCENA, 2012), conceito que se refere a esse fenômeno cultural altamente relevante para as sociedades atuais.

Segundo Arocena (2012), as causas do surgimento deste conceito, que nos interessa especialmente neste artigo por orientar nossas reflexões sobre a multiplicidade de gêneros, estão relacionadas à necessidade de se compreender os países formados por grupos multiculturais que convivem em um mesmo território, mas também porque as relações entre eles podem ser, muitas vezes problemáticas. A ideia de conflito não está, portanto, afastada do cotidiano das relações interculturais, nem do encontro de diferentes composições identitárias.

A convivência no contexto multicultural pressupõe que a maneira como os diferentes grupos sociais vivem tem uma contribuição a dar para os demais. Este postulado é importante quando estamos tratando das identidades de gênero nas sociedades

contemporâneas, sobretudo porque os grupos LGBT têm registrado suas demandas por reconhecimento cultural e identitário.

A busca de reconhecimento das identidades culturais é um fator muito relevante de nossa época. Arocena (2012) conceitua a cultura como “um conjunto de significados compartilhados que orienta a conduta das pessoas e proporciona uma matriz para entender o que os outros fazem, dizem e creem” (2012, p.24). Para ele, a cultura nos completa e nos forma como seres humanos tendo, assim, grande importância para nossa identidade.

Por seu turno, Hall (2001) afirma que a “identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes” (2001, p. 38). Estes processos, de acordo com Kwame Appiah (1997), não se limitam às questões relativas à religião, território e nação, universos de sentido recorrentes na formação da identidade do sujeito sociológico (HALL, 2001), mas que não são suficientes para atender às necessidades dos sujeitos contemporânea. Para Appiah (1996) existe uma tirania da identidade que pretende fixá-la a estes universos, desconsiderando outros aspectos da constituição de identidades que são complementares:

É muito importante recordar sempre que não somos simplesmente negros, brancos, amarelos ou morenos, gay, heterossexuais ou bissexuais, judeus, cristãos, mulçumanos, budistas ou confucianos. Também somos irmãos e irmãs, pais e filhos, liberais, conservadores e esquerdistas, maestros e advogados, fabricantes de automóveis e horticultores, surfistas e cantores, poetas e amantes de mascotes, estudantes e professores. Não devemos permitir que nossas identidades raciais nos submetam a novas tiranias (APPIAH, 1996, p. 84).

A citação de Appiah é importante para este estudo que considera a identidade de gênero como um elemento importante para constituição da identidade dos sujeitos contemporâneos. A luta pelo reconhecimento das identidades LGBT é indicadora de que a perspectiva multicultural, além de ser um conceito que pretende descrever as sociedades culturalmente diversas, é também uma política de proteção à diversidade cultural.

É a partir da discussão teórica feita acima, sobre a constituição de identidades em contextos multiculturais, que julgamos ser pertinente discutir identidade de gênero e suas representações na mídia, por ser este um campo marcante nas interações contemporâneas.

Para entendermos a construção da noção de gênero, nos valem das teses da filósofa Judith Butler (2003) que diz que o gênero é construído culturalmente, dessa maneira, “ele não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente

fixo quanto o sexo” (BUTLER, 2003, p. 24), de forma que o sujeito já é potencialmente contestado pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo.

Para a autora,

se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois (BUTLER, 2003, p. 24).

Sendo assim, a hipótese de um binarismo de gênero implica numa relação na qual o gênero reflete o sexo ou que por ele é restrito. Quando o

status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como feminino (BUTLER, 2003, p. 24).

Butler, ao analisar sexo e gênero, pondera que “se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado ‘sexo’ seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (2003, p. 25). Portanto, é possível dizer que até na noção de sexo há interferência de uma construção social, não sendo totalmente natural. Deste ponto de vista, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. Ele não deve ser concebido apenas como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado, sendo necessário designar qual a estruturação em que os próprios sexos são estabelecidos.

Como nota Butler (2003), para alguns autores, a ideia de gênero construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, gravados em corpos anatomicamente diferentes, sendo esses corpos entendidos como recipientes passivos de uma lei cultural rígida.

Quando a cultura relevante que constrói gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (BUTTLER, 2003, p. 26).

Neste contexto, em relação às noções dos termos “sexo”, “gênero”, “orientação sexual” e “identidade de gênero” é importante compreender que “sexo” é um termo que define aquilo que descreve o genital com que se nasce (macho, fêmea, intersexuado ou

nulo); “gênero” é algo com o que não se nasce ou simplesmente se tem, é algo que o indivíduo constrói. Já a “orientação sexual”, está relacionada ao desejo erótico-afetivo de uma pessoa, e por fim, a “identidade de gênero” é um termo que define aquele gênero com o qual o indivíduo se identifica perante a sociedade e como ele é reproduzido e adotado pela pessoa transgênera (LANZ *apud* Duarte, 2017).

Para Soares (2003), apesar do sexo ser de extrema importância para a construção da identidade, a sua representação perante a sociedade, a ignorância e o preconceito em relação a ele são aspectos a serem examinados. A ignorância frente à homossexualidade pode ser considerada um desconhecimento da heterossexualidade. A identidade heterossexual normativa exige que se construa a homossexualidade como falta e faz com que deixe de se pensar que todas as sexualidades devem ser construídas. A sexualidade e nossas práticas e interesses são socialmente negociados durante toda a vida. A moldagem sexual, entretanto, não precisa estar presa a estruturas de dominação e sujeição.

A mídia, através de seus mecanismos como a agenda midiática, não consegue dizer ao telespectador o que pensar mas sobre o que pensar. Esse mecanismo possibilita uma representatividade para grupos e temáticas pouco abordadas na televisão, como a temática LGBT. A cultura de massa pode auxiliar no processo de representações e combate ao preconceito, aproximando o “excêntrico” e possibilitando que seja visto como realmente é, normal. Sobre o assunto, Soares (2003) comenta:

Os produtos da indústria cultural podem ajudar a fornecer modelos de identidades pelos quais os indivíduos se inserem socialmente. Se pensarmos que os/as jovens da sociedade contemporânea crescem imersos numa cultura de mídia, é importante também sabermos interpretar e problematizar sua produção de significados (SOARES, 2003, p. 147).

A construção da sexualidade que regula nossas relações sociais se expressa nos diversos locais.

A REPRESENTATIVIDADE LGBT NO SERIADO *THE FOSTERS*

A análise proposta tem como base o referencial teórico apresentado anteriormente neste artigo, nos quais foram discutidos impactos da midiáticação das interações nas sociedades contemporâneas, o que faz da mídia e de seus produtos um forte elemento de poder simbólico e a questão da identidade e da identidade LGBT no contexto da alta modernidade.

The Fosters retrata o cotidiano de uma família homoafetiva e multirracial, na qual a mãe Lena (Sherri Saum) é negra e vice-diretora de uma escola pública e a companheira, Stefanie (Teri Polo) é uma policial branca. Stefanie ou Stef tem um filho biológico, Brandon (David Lambert), fruto do seu primeiro casamento com seu colega de trabalho, Mike (Danny Nucci). Juntas, Lena e Stef adotaram os gêmeos Mariana (Cierra Ramirez) e Jesus (Jake T. Austin (2013-2015); Noah Centineo - ator atual). A história começa quando Lena conhece Callie (Maia Mitchell), uma jovem problemática que faz parte do sistema de adoção americano e foi separada do seu irmão mais novo, Jude (Hayden Byerly), que vive em um lar adotivo sofrendo maus tratos.

Foram escolhidos quatro episódios para análise, sendo três da primeira temporada que foi ao ar em junho de 2013 e terminou em março de 2014. E por último, um episódio da terceira temporada que foi transmitida entre junho de 2015 e março de 2016. A escolha dos episódios foi baseada nos roteiros e nas temáticas abordadas em cada episódio. Algumas das categorias escolhidas para análise foram: linguagem, aparência, conflitos familiares, aspectos referentes à intimidade, estigmas e preconceitos, conflitos entre identidade moderna e da pós-modernidade, identidade sexual e conflitos decorrentes, rótulos, desempenho de atividades do cotidiano, e convenção e novas configurações de família.

No capítulo final da monografia foi feita a análise de cinco episódios: episódio

1x1 – Pilot, dirigido por Timothy Busfield e escrito por Bradley Bredeweg e Peter Paige, apresenta a história da série aos telespectadores e foi escolhido por retratar como a família lida com suas diferenças raciais e sexuais; O episódio 1x5 – The Morning After, dirigido por Bethany Rooney e escrito por Paul Sciarrota, apresenta a questão de identidade de gênero quando o filho mais novo, Jude, pinta a unha e sofre bullying na escola; o episódio No episódio 1x10 – *I Do*, escrito por Bradley Bredeweg e Peter Paige e dirigido por James Hayman, o maior acontecimento na narrativa é a cerimônia de casamento de Lena e Stef, trazendo à tona questões como homossexualidade e religião e as novas tradições e o último, o 3x4 – *More Than Words*, escrito por Marissa Jo Cerar e dirigido por Daisy Mayer leva para o contexto da série um debate paradoxal que é recorrente no meio LGBT; a utilização de nomes relativos às diferentes identidades de gênero – o que pode ser chamado de rotulação - ao mesmo tempo que nominar uma prática sexual, pode ser vista como uma imposição que vem de fora se referindo a um comportamento subjetivo. Por outro lado, o fato de ter um nome/conceito/rótulo acaba

por dar uma direção à luta por direitos e mostrar com quem se unir, fazendo com que os movimentos tenham mais voz.

É importante ressaltar que em todos os episódios analisados, as atividades do cotidiano foram realizadas de forma igualitária entre o casal. Na rotina da casa existem algumas regras criadas pelas mães. Um exemplo é que os gêmeos latinos não podem conversar em espanhol, por não ser a língua principal na casa. Essas cenas que representam o dia a dia da família, nos mostram que a estrutura da família acontece de forma comum. O diferencial entre a família tradicional e a família representada está nos valores, ensinamentos e vivências.

CONCLUSÃO

O objetivo deste artigo foi analisar a série *The Fosters*, com a finalidade de mostrar uma nova forma de representação LGBT em circulação na mídia. Uma das razões desta análise, é pelo grande poder simbólico que a mídia possui e por ser uma relevante construtora de significados e de representações no mundo contemporâneo, não podendo ser ignorada quanto suas produções.

Como tentativa de situar o tema LGBT no contexto dos estudos acadêmicos, na discussão sobre identidade foi possível compreender que a identidade está em constante transformação, estando cada vez mais fragmentadas, mutáveis, fluídas e composta por vários e diversos elementos. Em relação a identidade de gênero, podemos considerar que o gênero é construído culturalmente, sendo uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos. (Goellner, 2003).

Diante do objetivo deste trabalho de contextualizar as representações LGBT na série *The Fosters*, é possível considerar que a narrativa do seriado apresenta inovação dentro da indústria cultural, por abordar questões consideradas tabus na sociedade.

Pode-se concluir também que é de suma importância na narrativa da série a presença de estereótipos, mesmo que estes não sejam primordiais para a compreensão do roteiro. Os estereótipos trazidos pelos autores acabam por serem neutralizados pelos diálogos, conflitos, vestuários, costumes, discursos, entre outras características marcantes na série.

A série trata do tema em pauta a partir da ambivalência de discursos e de suas análises no decorrer das falas dos personagens. Esta estratégia narrativa demonstra que dentro da militância LGBT, existem diversas vertentes e opiniões, mas que o que se sobressai é o respeito por todo e qualquer indivíduo e o reconhecimento de que a identidade heteronormativa é um tipo de identidade e não a identidade natural. Se ela foi construída como hegemônica em algum momento da história para alguns grupos sociais, a diversidade cultural em evidência na sociedade contemporânea apresenta alternativas que nos levam a entender que os gêneros são múltiplos.

Ao trazer a diversidade de gênero, a orientação sexual, os gêneros e sexo como temáticas principais de uma série televisiva, podemos considerar um reconhecimento de que esta é uma realidade que faz parte da vida social. É de suma importância contar com a visibilidade que os meios de comunicação podem dar para essas temáticas, pelo alcance que conquistaram nas sociedades modernas.

REFERÊNCIAS

APPIAH, Kwame. Race, culture, identity: misunderstood connections. In: APPIAH, Kwame; GUTMANN, Amy (Eds.). **Color consciousness: the political morality of race**. Princeton: Princeton University Press, 1997.

AROCENA, Felipe. **La mayoría de las personas son otras personas: un ensayo sobre multiculturalismo em occidente**. Montevideo: Estuario Editora, 2012.

BERGER, P. L.; Luckmann, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Ed. 20. Vozes, 2001.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ESQUENAZI, J. **As séries televisivas**. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2010.

DUARTE, S. D. A. Representações sociais de gênero: série televisiva Liberdade de Gênero e a desconstrução de um padrão binário. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos) – Universidade FUMEC.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeus da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

KELLNER, D. **A cultura de mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LOURO, L. G; NECKEL, F. J.; GOELLNER, V. S. (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MACHADO. A. **A televisão levada a sério.** São Paulo: Ed. Senac, 2000.

SANTOS, M. B. **De *I Love Lucy* à *Lost*: Aspectos Históricos, Estruturais e de Conteúdo das Narrativas Seriais Televisivas Norte-Americanas.** 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática) – Universidade de Santa Maria, Santa Maria.

THE FOSTERS. Produção Peter Paige e Bradley Bredeweg. Realização FreeForm. EUA; 2014, 2017.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.

THOMPSON, J. B. **A nova visibilidade.** Matrizes: vol. 1, n. 2, p. 15-38, abril. 2008.
<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143017353001>